

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA
VOL 5 , N: 8/9 - SET/84 ABR/85
ED ANPUH / MARCO ZERO
RJ 1984 / 85

**Metrópoles: As Faces do Monstro Urbano
(as cidades no século XIX)**

Maria Stella Martins Bresciani
(Departamento de História do IFCH / UNICAMP)

RESUMO

Este artigo persegue a formação de uma nova sensibilidade no século dezenove baseada nas diversas percepções contraditórias da cidade. Instituído uma nova temporalidade, essas representações dos núcleos urbanos configuram uma verdadeira cultura sobre a pobreza e definem o homem pobre como figura privilegiada de diversas estratégias disciplinadoras.

ABSTRACT

This article examines the formation of a new sensibility in the nineteenth century based on the diverse contradictory perceptions of the city. These representations install a new sense of time, form a veritable culture on poverty, and define the poor as prime objects for varied disciplinary strategies.

*"Rise up, thou monstrous ant-hill on the plain
of a too busy world! Before me flow,
Thou endless stream of man and moving things!
Thy every-day appearance, as it strikes —
With wonder heightened, or sublimed by awe —
On strangers of all ages; the quick dance
Of colours, lights and forms; the deafening din;
The comers and the goers face to face,
Face after face; the string of dazzling wares,
Shop after shop, with symbols, blazoned names,
And all the tradesman's honours overhead."*

(Wordsworth, *Prelude*, 1799-1805)*

* *Levanta-te, tu formigueiro monstruoso na planície
De um mundo muito atarefado! Perante mim flui,*

"Il n'est pas donné à chacun de prendre un bain de multitude: jouir de la foule est un art; et celui-là seul peut faire, aux dépens du genre humain, une ribote de vitalité, à qui une fée a insufflé dans son berceau le goût du travestissement et du masque, la haine du domicile et la passion du voyage. Multitude, solitude: termes égaux et convertibles pour le poète actif et fécond.

Qui ne sait pas peupler sa solitude, ne sait pas non plus être seul dans une foule affairée."

(Baudelaire, *Les foules*, 1861)*

"Manchester, with its cotton-fuzz, its smoke and dust, its tumult and contentious squalor, is hideous to thee? Think not so: a precious substance, beautiful as magic dreams, and yet no dream but a reality, lies hidden in that noisome wrappage; (...) The great Goëthe, looking at cotton Switzerland, declared it, I am told, to be of all things that he had seen in this world the most poetical."

(Carlyle, *Chartism*, 1839)**

Para além da força emocional da retórica poética e literária em geral, presente nos textos dos homens cultos do século XIX, aparecem com igual impacto os delineamentos de uma nova sensibilidade. Convencidos de estarem vivendo no limiar de uma "nova

Tu! corrente sem fim de homens e coisas em movimento!

Tua aparência diária deslumbra —

Pelo seu fascínio magnífico ou pelo seu sublime terror —

Os estranhos de todas as idades; a dança rápida

De cores, luzes e formas; o barulho ensurdecedor;

Os que vem e os que vão, face a face,

Face após face; o cordão de mercadorias cintilantes,

Loja após loja, com símbolos, nomes brasonados,

E todas as honras do comerciante enaltecidos.

* Não é dado a qualquer um tomar um banho de multidão: usufruir da multidão é uma arte; e isto só pode ser feito às expensas do gênero humano, uma pândega de vitalidade, por aquele a quem uma fada insuflo, no berço, o gosto de travestir-se e mascarar-se, o ódio pelo domicílio e a paixão da viagem. Multidão, solidão: termos iguais e intercambiáveis para o poeta ativo e fecundo. Aquêle que não sabe povoar sua solidão, sabe menos ainda estar só em meio a uma multidão atarefada.

** Manchester, com seus fiapos de algodão, sua fumaça e poeira, seu tumulto e pobreza conflituosa, ela é medonha para ti? Não pense assim: uma substância preciosa, bela como sonhos mágicos e, contudo, não sonho mas realidade, permanece escondido nesse embrulho barulhento. (...) O grande Goëthe, vendo os cotonifícios da Suíça, declarou, me contaram, ser, de todas as coisas que ele havia visto no mundo, a mais poética.

era", prenhe de um potencial transformador ainda não avaliado, eles se lançaram à empresa de anotar em seus escritos os sinais visíveis dessa novidade de dimensões desconhecidas e assustadoras. O sentido de desenraizamento expresso na perda de identidade social e de formas de orientação multisseculares, aparece de forma recorrente elaborando a imagem de uma crise de proporção e conteúdo inéditos. Sem dúvida, os termos desarraigado e desenraizado falam do homem arrancado de sua íntima relação com a natureza, mas paradoxalmente apontam para a nova condição humana de vencedor da natureza. Afinal, atribuía-se aos engenhos astuciosos fabricados pelos homens — as máquinas com seus mecanismos irresistíveis e incansáveis — essa vitória na guerra com a rude natureza. A máquina foi apontada como expressão simbólica e material dessa vitória que lograra emancipar o homem do limitado destino de ser subjugado aos imperativos do mundo físico. A máquina o século XIX conferiu todo o poder transformador e produtor da abundância e apostou nela, como possibilidade, não muito remota, de superação do reino da necessidade (superação de um mundo sempre às voltas com a escassez de recursos para manter o crescimento ilimitado do gênero humano), mas também a ela foi conferido o poder transformador da *estrutura social* (the fabric of society), o que colocava em algo exterior ao próprio homem a potência movimentadora do novo *sistema social* (social system).¹

Máquinas, multidões, cidades: o persistente trinômio do progresso, do fascínio e do medo. O estranhamento do ser humano em meio ao mundo em que vive, a sensação de ter sua vida organizada em obediência a um imperativo exterior e transcendente a ele mesmo, embora por ele produzido. Registros de perdas e de imposições violentas encontram-se nos escritos de homens que se auto-representaram contemporâneos de um *ato inaugural*... É a constituição dessa "nova sensibilidade" que procuro acompanhar neste artigo, na certeza de que, hoje, o sentido de emancipação da máquina em relação ao homem se expressa na aceitação de uma lógica interna ao próprio progresso técnico e repõe a insólita experiência vivida pelo homem quando considerou, a si mesmo, por sua astúcia, vitorioso sobre a natureza.

Para penetrar nos meandros dessa nova sensibilidade decidi percorrer alguns textos, onde literatos, médicos, advogados, filósofos, filantropos, estadistas, em suma, o homem letrado em geral, expressaram o sentimento de perdas diversas e de viverem situações paradoxais; registros semelhantes encontrei também em depoimentos de trabalhadores rurais e fabris, de vendedores ambulantes, artistas de rua, enfim de toda a grande parcela da população que subsiste através do trabalho de suas mãos.

Quais perdas?

A *representação do tempo* regido pela natureza perde-se e junto com ela a medida do tempo relacionada às tarefas cíclicas e rotineiras do trabalho. Se desfaz um ajuste entre o ritmo do mundo físico e as atividades humanas, o que implica a dissolução de uma relação imediata, natural e inteligível de compulsão da natureza sobre o homem. Perda que implica a imposição de uma nova concepção do tempo: abstrato, linear, uniformemente dividido a partir de uma convenção entre os homens, medida de valor relacionada à atividade do comerciante e às longas distâncias. Tempo a ser produtivamente aplicado, que se define como tempo do patrão — tempo do trabalho, cuja representação aparece como imposição de uma instância captada pelo intelecto, porém presa a uma lógica própria, exterior ao homem, que o subjuga. Delineia-se uma primeira exterioridade substantivada no relógio, concomitantemente artefato e mercadoria.²

Na *atividade do trabalho* uma outra perda. A unidade do homem com suas condições de produção e com a finalidade dessa produção definida pelas suas próprias e limitadas necessidades cinde-se numa dupla exterioridade: de extensões inorgânicas de seu corpo orgânico, as ferramentas se autonomizam materializando-se na máquina, vale dizer, tornando dispensável a arte de suas mãos; de finalidade da produção, o homem passa a ser uma das engrenagens de um processo que objetiva repor a própria produção. O trabalhador despojado das condições objetivas do trabalho é reduzido à mera subjetividade, à força de trabalho.³

Os *sistemas de trabalho* com base em relações pessoais se desfazem substituídos pela impessoalidade das relações do mercado. O vínculo entre o mestre-artesão e seu aprendiz, certeza de trabalho, e aquisição de uma destreza específica e de uma identidade profissional rompe-se; a relação patrão-operário tem um caráter puramente mercantil e sobre ela se erige uma representação que a coloca em uma instância transcendente ao homem — a lei da oferta e da procura inscrita na natureza das relações humanas —, que, produto da atividade intelectual, passa a ser interpretada como princípio férreo de ordenação do social.⁴

Uma última perda: o homem, em especial o trabalhador fabril e urbano em geral, arrancado dos vilarejos e impelidos a levar uma vida agressiva nas cidades. Perda do *habitat tradicional*, onde conjugava-se o trabalho artesanal com o labor dos campos; onde toda a família encontrava condições de trabalho e onde a vida não aparecia cindida em tempo do patrão e lugar do trabalho contrapostos a tempo do descanso e lugar de morar.⁵

O registro de cada uma dessas perdas se fez presente no decorrer de três séculos, pelo menos, e culmina nos inícios do século XIX, na percepção de que o homem ao sobrepujar-se à natureza havia caído na armadilha de sua própria astúcia. A cidade moderna representa o momento culminante desse longo processo e também o lugar onde acumulam-se homens despojados de parte de sua humanidade; em suma, lugar onde a subordinação da vida a imperativos exteriores ao homem se encontra levada às últimas conseqüências. Fascínio e medo; a cidade configura o espaço por excelência da transformação, ou seja, do progresso e da história; ela representa a expressão maior do domínio da natureza pelo homem e das condições artificiais (fabricadas) de vida.

É ainda importante anotar a solidariedade entre o conjunto dessas perdas e a elaboração intelectual de uma distância entre o homem e seus semelhantes; a elaboração da figura de um sujeito de conhecimento capaz de estabelecer um distanciamento considerado necessário para a observação e avaliação sistemática daquilo que passa a ser designado realidade social. A relação de exterioridade, corrente na avaliação da natureza, estende-se, no século XIX, como experiência de conhecimento para as relações entre os homens. O olhar analítico e classificador procura imobilizar em momentos sucessivos de avaliação tudo aquilo que vê em constante movimento e que precisa permanecer em contínua movimentação. O fluxo ininterrupto dos homens no trabalho, dos homens se deslocando pelas ruas, dos homens ocasionalmente fora do trabalho, dos homens que tiram seu sustento trabalhando nas ruas, dos homens que vagam recusando-se a trabalhar, dos homens que se mantêm através de expedientes pouco confessáveis: tudo é submetido a esse olhar avaliador. A cidade se constituirá no observatório privilegiado da diversidade: ponto estratégico para apreender o sentido das transformações, num primeiro passo, e logo em seguida, à semelhança de um laboratório, para definir estratégias de controle e intervenção. Não por acaso, à frase de Vitor Hugo: “A França observa Paris e Paris observa o faubourg Saint Antoine” (*Os Miseráveis*), corresponde um axioma da polícia londrina: “Guarde-se St. James vigiando-se St. Giles.”⁶

Nos dois casos, os objetos de constante vigilância são os bairros operários cujo potencial de revolta é considerado mais ameaçador, onde, portanto, os sinais da revolução podem ser detectados. Nesses anos cinquenta do século passado, tinha-se já formulado um quadro conceitual que, recolhendo inúmeras experiências de investigação da *nova sociedade*, permitia distinguir na diversidade aparente duas entidades distintas e antagônicas. É parte dessa nova sensibilidade a expressão “Duas Nações”, cunhada por Disraeli para falar do

abismo existente entre ricos-civilizados e pobres-selvagens. Descontado o apelo emocional, a expressão possui uma força explicativa plástica, pois remete imediatamente para a imagem de uma sociedade cindida em duas partes irreconciliáveis, com identidades próprias e diferenciadas.

URBE ET ORBIS

"The thinking minds of all nations call for change. There is a deep-lying struggle in the whole fabric of society; a boundless grinding collision of the New with the Old."

"We were wise indeed, could we discern truly the signs of our own time; and by knowledge of its wants and advantages, wisely adjust our own position in it. Let us, instead of gazing idly into the obscure distance, look calmly around us, for a little, on the perplexed scene where we stand."*

(Carlyle — Signs of the Times, 1829)

Embora Carlyle procure definir com um conceito amplo — uma *crise* — o momento em que vive, ele registra de maneira clara a dimensão e o ineditismo do conflito. *Uma crise a mais* na longa história da *velha Inglaterra*, mais uma situação de pânico semelhante a um sonho assustador, uma repetição do *Estado em perigo* presenciada pelos ingleses centenas de vezes: são frases atenuantes que aumentam a ênfase dada à *perplexidade indescritível* de seus contemporâneos frente a acontecimentos tais como o *Test and Corporation Acts*, de 1828, e o *Roman Catholic Relief Act*, de 1829, que reconheciam a liberdade de consciência de protestantes dissidentes e católicos, facultando-lhes a participação na vida pública do país. Em suas palavras, removiam-se, dessa maneira, "coisas que pareciam fixas e imutáveis, tão profundas como as fundações do mundo". Seguindo seus próprios conselhos, Carlyle busca identificar o princípio explicativo da época em que vive e localiza-o na *máquina*, ou melhor, no significado explícito e implícito da

* "As cabeças pensantes de todas as nações pedem mudanças. Há um conflito profundo no tecido da sociedade; uma colisão triturante e infinita do Novo com o Antigo.

Seríamos sábios, certamente, se pudéssemos discernir com exatidão os sinais de nosso próprio tempo e através do conhecimento de suas necessidades e possibilidades, sabiamente, ajustarmo-nos a ele. Ao invés de fixar nosso olhar distraído na distância obscura, devemos, por um momento, olhar tranquilamente em torno de nós, para o espetáculo desconcertante do qual participamos."

Carlyle

palavra *maquinismo*. O aumento do poder físico da humanidade acrescera em muito as possibilidades de produzir bens, mas destruíra de forma irrecuperável o antigo *edifício social*. O quadro resultante da introdução dos princípios da mecânica na vida dos homens, assustador pelo ineditismo e profundidade do conflito, apresentava pessoas incapazes de darem conta do que acontecia em sua volta por estarem com as mãos e as mentes atadas ao *caráter mecânico da época*.⁷

Essa avaliação é partilhada por muitos contemporâneos seus, que, como ele, construíram um elo significativo entre duas forças transformadoras formidáveis: a máquina e a Revolução Francesa de 1789. A imagem de grandiosidade do movimento revolucionário na França é elaborada com a figura do poder destruidor das multidões nas ruas e com o seu momento mais radical; a simples referência ao *Terror*, aos anos sanguinários, projetava a possibilidade futura de uma repetição do acontecimento em proporções ainda mais incontroláveis. A imagem da máquina desfazendo o antigo edifício social é solidária à da revolução; as duas formarão no decorrer do século a representação paradigmática da modernidade.

A palavra *Sublime*, cunhada no século anterior por Edmund Burke, sintetiza a experiência estética de homens que conviveram com essas duas imagens portentosas. Nesse sentido, acolhemos a proposta de Nicolas Taylor em seu estudo sobre as cidades vitorianas, estendendo-a para além da expressão estética e arquitetônica das majestosas edificações burguesas.⁸

Essa sensibilidade contrapõe-se à racionalidade do *belo* — a arquitetura de proporções perfeitas, que traduzia as medidas antropométricas de um protótipo idealizado do ser humano — e ao *pitoresco emocional* — das paisagens campestres e dos bairros suburbanos onde homens e natureza se mantinham em harmonia. Uma nova sensibilidade estética, que buscava dar conta do inédito, daquilo que, nas palavras de Burke, era capaz de produzir a mais forte emoção que nosso cérebro pode suportar.

Ela se fundava no trato com "tudo o que de alguma maneira fosse terrível (...) ou operasse de forma análoga ao terror, essas fontes do *sublime*", proporcionando uma base emocional para a experiência estética. *Sublime* era tudo o que, por reunir uma série de qualidades particulares, desencadeava uma reação de impacto emocional violenta. *Perplexidade* — este estado da alma no qual todos os movimentos encontram-se suspensos devido a certo grau de horror; *terror* — tudo o que parece terrível ao olhar; *obscuridade* — esse véu que tolhe o conhecimento da verdadeira extensão do perigo impedindo o desaparecimento das apreensões; *poder* — esse conagraçamento das idéias de força, violência, dor e terror que

atinge nossa mente e dá o caráter sublime ao poder; *privação* — essa sensação de vacuidade, escuridão, solidão e silêncio; *vastidão* — a grandeza na dimensão, seja em altura, comprimento ou profundidade, causa poderosa do sublime; *infinitude* — o olhar impedido de distinguir os limites das coisas dá a elas a dimensão infinita; *seriação e uniformidade* — essa progressão ininterrupta que dá a objetos finitos o caráter de infinitos, uma forma artificial de infinitude; *magnificência na edificação* — a adequada grandeza na dimensão; *dificuldade* — a impressão de força e de trabalho imensos requeridos para a realização de uma obra; *magnificência* — uma grande profusão de coisas esplêndidas e valiosas, a aparente desordem aumenta a grandiosidade; *iluminação* — não a iluminação comum, mas algo parecido com a luz do sol, a rápida transição da claridade para a escuridão e vice-versa tem um efeito maior ainda.⁹

Sem dúvida, a experiência estética do *sublime* foi proporcionada, no campo da arquitetura, pelas máquinas, fábricas, lojas, armazéns, viadutos, usinas geradoras de gás, asilos de loucos, prisões, estações ferroviárias, túneis e pela monótona uniformidade das extensas séries de casas construídas para os trabalhadores; e, no plano da potencialidade transformadora e assustadora do homem, pelas multidões em movimento, pelo tráfego contínuo de veículos, pelos bairros operários e pelos canteiros de construção de grandes obras públicas.

Os arquitetos que projetaram em cidades inglesas edifícios como o Banco da Inglaterra, o City of London Coal Exchange, a sala de leitura do Museu Britânico, a enfermaria do Hospital Chelsea, entre outros, com certeza, não tiveram a intenção de provocar em quem os via a evocação bucólica dos campos ingleses ou a harmonia de proporções entre o homem e suas obras. O aspecto majestático dessas construções, bastante diversas em suas formas e materiais, reunindo com frequência estilos de várias épocas e lugares, sugeria primordialmente o poder da burguesia, um poder que deveria parecer grandioso, infinito e esmagador.

A longa seqüência de arcos da estação londrina de St. Pancras ou de uma fábrica de carruagens na cidade de Bristol, ou ainda, as numerosas janelas e colunatas de hotéis de luxo e apartamentos caros de bairros londrinos transmitiam uma sensação de infinitude semelhante à produzida pelas imensas arcadas envidraçadas do Palácio de Cristal, construído em 1851, para a *Grande Exposição de Produtos Industriais de Todas as Nações*. Também induziam o sentimento de infinitude as escuras e monótonas repetições de fachadas idênticas de casas iguais, cujo destino era o de serem alugadas para a anônima população de trabalhadores urbanos. Aqui,

a tonalidade do material de construção e o severo despojamento de suas paredes pesadas faziam com que esse sentimento se assemelhasse mais ao produzido pelos maciços muros de prisões, como New Gate e a de Leicester; aqui, infinitude simbolizava a impossível libertação das cadeias do trabalho cotidiano e do jugo poderoso das classes dominantes.

A despeito do grotesco quase sempre presente na maioria das construções *sublimes*, não se pode negar que o ecletismo no estilo, a profusão de objetos díspares, colunas, arcadas, rotundas, recortes, nichos, divisões internas e externas sem uma função aparente, gradeados de ferro retorcendo-se sempre no mesmo eterno desenho e as luzes em quantidades suficientes para estabelecer um forte contraste entre o claro e o sombrio, produziu nas pessoas que as freqüentavam uma sensação de perplexidade devota. Essas construções feitas para abrigar multidões constituíram o cenário perfeito para o espetáculo das compras e dos cultos religiosos. Fascínio, espanto, temor e devoção: sentimentos solidários expressando o reconhecimento do poder assustador das máquinas, do dinheiro e da tecnologia; de Deus e do Homem.

Presentes em muitas capitais e grandes cidades européias, essas construções majestosas fincaram-se na paisagem urbana como marcos do poderio burguês. Hobsbawn, ao fazer uma avaliação do mundo capitalista do século XIX, afirmou ter sido a arquitetura burguesa “uma linguagem de símbolos sociais”, a expressão da sua autoconfiança, manifesta em edificações cuja dimensão extraordinária nada tinha a ver com a finalidade a que se destinava. As milhares de libras esterlinas gastas em prédios destinados a acolher um grande número de pessoas proclamavam a riqueza e o poderio das cidades.¹⁰ O *sublime* poder do dinheiro aliado ao da tecnologia introduzia, pela primeira vez na arquitetura, um material artificial produzido em fábricas. “Fomos salvos de uma medonha e dispendiosa quantidade de tijolos e argamassa; em seu lugar temos uma obra graciosa e bonita”, observou um cronista, referindo-se ao Palácio de Cristal.¹¹ A confiança no caráter duradouro da indústria e do comércio orientou a edificação desses templos da produção e da mercadoria. Em Paris, diz Walter Benjamin, a conjuntura favorável do comércio de tecidos proporcionou a multiplicação das galerias no decorrer de quinze anos, a partir de 1822. “Essas passagens, informou um ‘Guia Ilustrado de Paris’, nova invenção do luxo industrial, são galerias envidraçadas, revestidas de mármore, que percorrem quadras inteiras de casas, cujos proprietários se uniram para essas especulações. Dos dois lados dessas galerias, iluminadas pelo alto, sucedem-se as mais elegantes lojas, assemelhando-se a uma cidade, talvez um mundo em minia-

tura.”¹² As espetaculares arcadas de ferro e vidro das galerias do centro comercial de Manchester e de Birmingham, na Inglaterra, reproduziam-se em Paris e Milão, provocando o mesmo impacto devocional do culto à mercadoria.¹³

Nesse sentido, parece-me que a freqüente crítica bibliográfica à má utilização dos novos materiais e da nova tecnologia aplicados na reprodução de estilos antigos e, na maioria das vezes, austeros, baseia-se num critério de avaliação que busca encontrar uma lógica funcional onde ela não se fazia presente. “Provindo das guerras revolucionárias, o conceito de engenheiro começa a se impor; é o começo dos combates entre o construtor e o decorador, entre a Escola Politécnica e a Escola de Belas-Artes”, observa Walter Benjamim, comentando a arquitetura do II Império Francês.¹⁴ No final das contas, alguém que, ao construir um armazém-casa de comércio pensando estar traduzindo a intenção dos faraós egípcios em relação às pirâmides, parece-me ter um objetivo deliberado de erigir marcos concretos e permanentes. Quanto a essa intenção de permanência, as reflexões de Hannah Arendt sobre o desejo humano de deixar marcas mais duradouras do que a fugaz passagem do homem pela face da Terra me parecem instigantes.¹⁵ No mundo burguês, a aceitação da transitoriedade das formas institucionais parece contrapor-se aos edifícios destinados a abrigá-las eternamente. Acima de tudo, é um determinado recorte da cidade que elimina sua feição medieval e é a preservação de fragmentos do passado, feita sob a condição de relíquia de museu, o que expressa a marca da presença impositiva da burguesia. Suas necessidades impõem um desenho ao traçado urbano: manter tudo em movimento constante e previsível, transformar tudo em mercadoria; a feira sazonal transformada em mercado permanente e internacional.

Expressa bem essa *modernidade* imposta pela burguesia às antigas cidades européias, o traçado em perspectiva das longas avenidas abertas por Haussmann em Paris, na década de 1850: de um lado assegurar o fluxo de homens, mercadorias, transportes e, não esqueçamos, do exército; por outro, impedir que qualquer objetivo oposto a esse se efetivasse. Que os espaçosos bulevares tenham sido o palco de barricadas ainda mais portentosas em 1871 não invalida a intenção de seu idealizador. Afinal, a figura do *outro*, por mais que se observe e analise, nunca se revela por inteiro. A essa questão voltaremos mais adiante.

Em Viena também, a burguesia austríaca, a partir de 1860, decidiu eliminar os vestígios da nobreza, também majestosos, expressos na muralha que demarcava o antigo centro urbano. Derrubadas as fortificações medievais, uma larga avenida passou a circundar a área rica da cidade. Substituindo os muros, a *Ringstrasse*

materializava a intenção de eliminar qualquer obstáculo ao fluxo de mercadorias e de pessoas; realizava também o intuito de estabelecer, em pontos estratégicos de seu percurso, os marcos simbólicos do domínio burguês. O Parlamento, a Prefeitura, a Universidade e o Teatro Municipal, símbolos de uma cultura laica e burguesa, construções sólidas, pesadas, majestosas, em uma palavra, *sublimes*, tinham para além de suas atribuições institucionais a finalidade de servir de cenário para o *corso* das famílias ricas. O conjunto arquitetônico composto pela avenida circular e por esses edifícios, aos quais seguiram-se outros também projetados com igual desprezo a qualquer harmonia de estilo, isolava a antiga cidade da parte exterior mais nova. Isolar dispensando muros, esta foi a estratégia escolhida: as ruas da área central e mesmo as grandes avenidas dos bairros mais recentes não se comunicavam, terminavam sempre na *Ringstrasse*. A particular disposição de ruas protegia o centro, impedindo o fácil acesso da população suburbana; “a antiga defesa militar transmuta-se em marco da divisão social”.¹⁶

Até certo ponto, as construções majestosas intimamente solidárias ao processo de reurbanização das antigas cidades européias, efetuado no decorrer da segunda metade do século passado, indicam que algumas soluções haviam sido encontradas para superar aquilo que, no final da década de 1820, Carlyle denominara *crise, estado em perigo*. Seus contemporâneos, pensando projetivamente, trataram de realizar seus projetos utópicos, aqui e agora. Convencidos de estarem vivendo uma *nova era*, eles se preocuparam em decifrar os sinais ameaçadores desses tempos inaugurais em tudo o que fosse inédito. A experiência no trato com a potência das máquinas, com mercadorias abundantes e com multidões fora traduzida, pela burguesia, em marcos que, para além de resolverem os problemas postos pela concentração de homens e coisas num mesmo espaço, alardeavam, através da paisagem urbana, o triunfo de um ato inaugural modelar. A intuição burguesa de estar iniciando um tempo novo traduzira-se em avenidas cortando as cidades de formas variadas e em prédios monumentais onde se demonstrava gritantemente a capacidade da tecnologia realizar com os modernos materiais a síntese de toda a cultura universal. Cumpre lembrar, que não só a superfície das cidades fora transformada: as redes subterrâneas de distribuição de água e gás e a de coleta de esgotos, somadas às normas disciplinadoras da construção em geral, configuravam marcos menos visíveis, mas igualmente importantes, para o sucesso desse projeto constitutivo de uma nova estética. O médico francês Parent Duchatelet sublinhou a impor-

tância desses monumentos úteis (sic) ao avaliar, em 1824, os novos esgotos construídos em Paris:

*"Como são poucos os que refletem sobre as conseqüências de tal empreendimento! Porque essas instalações se escondem de nossos olhos, ignoramos quais os meios que permitem conservar nossa saúde, como o ar que nos circunda é respirável, o milagre que transformou um bairro inteiro, de pântano infecto, numa área coberta por palácios e magníficos teatros. A causa de todas essas benfeitorias está escondida sob a terra."*¹⁷

DEUS EX-MACHINA

"Art is man's nature"

(Edmund Burke)*

"Were we required to characterise this age of ours by any single epithet, we should be tempted to call it (...) the Mechanical Age. (...) Men are grown mechanical in head and in heart, as well as in hand. (...) We may trace this tendency in all the great manifestations of our time, in its intellectual aspects (...) in its practical aspects. (...) We figure society as a machine..."

(Carlyle, Signs of the Times)**

"The history of the world records no event comparable, in its promotion of human industry, which that of the Great Exhibition of the Works of Industry of all Nations in 1851. A great people invited all civilized nations to a festival, to bring into comparison the works of human skill."

(Henry Cole, um dos principais patrocinadores do evento)***

A imagem da técnica, acrescentando potencialidades infinitas às capacidades humanas, impõe-se soberana no centro dessa nova

* "A arte é da natureza do homem."

(Edmund Burke)

** *Se nos pedissem para caracterizar essa nossa época com um único epíteto, seríamos tentados a chamá-la ... a Era Mecânica. (...) Os homens tornaram-se mecânicos na mente e no coração, tal como nas mãos. (...) Podemos traçar essa tendência em todas as grandes manifestações de nossa época, nos seus aspectos intelectuais (...) em seus aspectos práticos (...). Nós concebemos a sociedade como uma máquina..."*

(Carlyle)

*** *"A história do mundo não registra nenhum acontecimento comparável, em sua promoção da industriabilidade humana, a esse da Grande Exposição da Indústria de Todas as Nações em 1851. Um grande povo convidou todas as nações civilizadas para um festival, no intuito de promover a comparação entre os produtos da habilidade humana."*

(Henry Cole)

"L'avènement de l'ère machiniste a provoqué d'immenses perturbations dans le comportement des hommes, dans leur repartition sur la terre, dans leurs entreprises; mouvement irrégulier de concentration dans les villes à la faveur des vitesses mécaniques, évolution brutale et universelle sans précédent dans l'histoire. Le chaos est entré dans les villes."

(Le Corbusier, Carta de Atenas, 1933)*

sensibilidade. Sua tradução maior, a máquina e todos os mecanismos derivados dos mesmos princípios, preenchem o vazio deixado pela desagregação final de formas multisseculares de orientação. No pólo oposto, a imagem do homem desnaturado, subtraído de qualquer essência vital, reduzido a autômato e a súdito do maquinismo. Imagens solidárias de um mundo onde os homens haviam caído na armadilha de suas próprias artes.

A interpretação otimista desse quadro, ao invés de atenuá-lo, acentua ainda mais seu caráter constrangedor. Saint-Simon talvez pertença a uma tradição de pensamento do século XVIII, e sua aposta desmesurada nos princípios da mecânica de Newton transpostos para a sociedade indique uma experiência de vida não atingida pela presença marcante da fábrica mecanizada. Em sua fantasmagórica sociedade mundial dividida em quatro partes, indistigável em sua pretensão totalizante, Saint-Simon confere a Newton muito mais do que a condição de patrono; dá-lhe a dimensão de um ser privilegiado a quem Deus "confiara a direção das luzes e a liderança dos habitantes de todos os planetas". E mais, Deus impunha agora, como representante seu sobre a Terra, um conselho de sábios (matemáticos, físicos, químicos, fisiologistas, literatos, pintores e músicos) dotado de todos os poderes, inclusive o de efetuar a partilha do mundo e o controle de seus habitantes.¹⁸

Sua utopia, tal como outras projeções totalizantes com bases científicas, não se contentava em colocar a ciência positiva no âmago de uma nova religião; a ela atribuía o poder de instituir uma nova organização social.¹⁹ A rigidez da utopia sansimoniana encontra seu equivalente irônico na literatura crítica de Charles Dickens. Coketown, a cidade industrial de *Tempos Difíceis*, não tolerava pessoas que se negassem à sujeição do trabalho e do raciocínio lógico baseado em fatos bem comprovados: expulsava-as.

* *"O advento da era do mecanismo provocou grandes perturbações no comportamento dos homens, na sua distribuição sobre a terra, em seus empreendimentos; movimento irrefreável de concentração nas cidades, favorecendo as velocidades mecânicas, evolução sem precedentes na história. O caos entrou nas cidades."*

(Le Corbusier)

Nela não havia lugar para aqueles que se perdessem, ainda que ocasionalmente, pelos caminhos do devaneio e da meditação, ou que se deixassem levar pelo instinto e pelas emoções. De qualquer maneira, dado que a cidade não tinha dimensões planetárias, os proscritos poderiam, em tese, buscar acolhida em outro lugar. A discordância não tem espaço algum para se refugiar na idealização social de Saint-Simon; todo aquele que se recusasse, por exemplo, a comparecer ao mausoléu de Newton para o culto coletivo seria discriminado pelos fiéis como inimigo. Em suas palavras: "Todo homem, de qualquer parte do globo, estará ligado a uma dessas (quatro) divisões..."²⁰ Uma concepção estética *sublime* em todas as suas qualidades.

A projeção da sociedade organizada pelos preceitos das ciências é paradigmática para se avaliar a extensão da armadilha. Fourier também idealizou uma forma de organização societária que se assemelhava a um maquinismo. "As engrenagens de paixões, a cooperação complexa das paixões mecânicas com a paixão cabalística são construções obtidas por analogia com a estrutura da máquina, utilizando materiais psicológicos. Este maquinismo humano produz o país de Cocagne", afirma Walter Benjamin.²¹ Levar ao limite as conseqüências do bloqueio produzido nos cérebros humanos pela fé nos pressupostos do pensamento científico foi o recurso utilizado por Carlyle para chocar e amedrontar seus leitores contemporâneos. Dos princípios da mecânica, passando pela técnica e pela ciência abarcando todas as atividades humanas, até o caos ou a destruição da própria sociedade, a progressão é direta.

A perda da dimensão interna do conhecimento, a *ciência da dinâmica*, vinculada "às forças e energias humanas inalteráveis, às fontes misteriosas do amor, do medo, da reflexão, do entusiasmo, da poesia e da religião, todas de caráter verdadeiramente vital e infinito", configura-se fatal para o homem. Atado à *ciência da mecânica*, tinha seus horizontes reduzidos à dimensão finita e à reprodução do que havia nessa dimensão, motivado somente pela expectativa da recompensa ou pelo medo da punição.²² Era a perda da potência criadora do homem que Carlyle denunciava (preunciava?). Em sua representação, o homem mecânico contentava-se em reproduzir mimeticamente os movimentos da máquina; da condição de criador passava à de mero transformador de materiais já existentes e em condições de inferioridade absolutamente acachapantes em relação ao mecanismo automático.

Carlyle leva esse seu raciocínio até às últimas conseqüências, pois com a *mecânica* introduzida no cérebro, "o intelecto, o poder humano de conhecimento e de crença, havia-se tornado quase sinônimo de *lógica*, ou seja, o mero poder de organizar e de comunicar;

seu instrumento não sendo mais a meditação, porém o argumento". De criador das *ciências* e das *artes*, o homem regredia para a condição de simples pesquisador de *causas e efeitos*, seus cérebros reduzidos a *moinhos-lógicos*, que à semelhança dos moinhos mecânicos trituravam tudo o que viam pela frente. Satisfaziam-se com a elaboração de *sistemas e teorias* explicativas acerca de tudo, cujo caráter transitório ficava mascarado pela implacável determinação de seus postuladores de apresentarem-nas como verdades eternas.²³ Essa imagem de *moinhos-lógicos* com a função de reduzir ao pó formador tudo o que já fora criado, tanto no âmbito intelectual como no material, é forte o bastante para representar plasticamente a degradação da curiosidade mental do homem.

Enfim, acho que podemos formular a questão por Carlyle: o que esperar de uma época em que os homens, esquecidos de sua condição de criadores e produtores das artes e dos mecanismos, se auto-representavam como criaturas e produtos da máquina? Amputada metade de sua condição humana, perdido o equilíbrio entre a dimensão interna e a externa, convertido em pura exterioridade, sua postura intelectual limitava-se a fazer sombrios vaticínios contrapondo-os a uma idealização evocativa do passado. O presente assustador permanecia encoberto, dada a incapacidade intelectual de avaliação. Conseqüência direta: impossibilidade de qualquer intervenção modificadora e saneadora dos *males sociais*. E esses encontravam-se por toda a parte. A miséria indigente, entulhando as principais cidades inglesas, o desemprego causado pela mecanização da indústria, a insanidade do movimento cartista, a tirania absoluta da opinião pública sobre as decisões políticas, todas *anomalias sociais* resultantes da crença ilimitada na concepção mecanicista da época. Concebida como uma máquina, a sociedade deveria, por meio de seu próprio movimento, manter naturalmente em equilíbrio as engrenagens, eliminando aqueles que não se ajustassem com perfeição. Ora, o erro dessa concepção tornava-se mais evidente quando os problemas criados pela movimentação da máquina social não estavam resolvendo-se naturalmente. O ponto crucial da crítica de Carlyle assume uma dimensão política explícita ao combater a idéia puramente administrativa de governo e de política. "Os homens são guiados somente por seus próprios interesses. O bom governo constitui um equilíbrio desses interesses": essa crença, cujos fundamentos encontravam-se em Locke, Smith e Bentham, nos homens cultos da época, em suma, tornava cada um responsável por si mesmo e redundara nos desacertos em que se encontrava a sociedade inglesa.²⁴

Uma vez exposto largamente o domínio da *mecânica* sobre os corpos e as mentes, Carlyle avança até a outra extremidade da

progressão, o caos, a destruição da sociedade. Esse movimento progressivo, advertia, ao contrário do que se pensa, não é fruto da Revolução Francesa; ela, sim, faz parte dele e constitui seu momento explosivo mais feroz.

Esse movimento reaparecia nas rebeliões dos carbonários, em tumultos políticos na Espanha, em Portugal, na Itália e na Grécia, e nas palavras escritas nos livros. Em uma frase: “a época está doente e desarticulada”. As modificações introduzidas pela força mecânica no edifício social aumentaram em muito a riqueza, mas também destruíram as antigas relações criando uma distância abissal entre ricos e pobres; essa a grande questão colocada para uma detida reflexão da Economia Política.²⁵

Dez anos depois, sob o impacto do movimento operário na Inglaterra, Carlyle se torna mais veemente, criticando a cegueira dos membros do Parlamento perante os rumos insanos do Cartismo. A imagem portentosa da Revolução Francesa é retomada e sua dimensão européia sublinhada com ênfase. Ultrapassando a dimensão geográfica desse enorme fenômeno, o autor designa sua longa duração (meio século) e seu significado fundamental de revolta das classes baixas oprimidas contra as classes altas opressoras e negligentes. A fim de não deixar dúvidas, assinala os sinais explosivos de sua presença na própria Inglaterra: “esses cartismos, radicalismos e outras infinitas discrepâncias são nossa revolução francesa”.²⁶ O potencial destruidor dos trabalhadores unidos em seu descontentamento configura o argumento estratégico de todo o ensaio e atinge o paroxismo no último capítulo, quando pinta com cores escuras um futuro sombrio de cinzas e escombros para o mundo se permanecessem desregulados e caóticos os assuntos relativos aos 24 milhões de trabalhadores. O clima de tensão emocional cuidadosamente construído e mantido no decorrer de nove capítulos é subitamente suspenso pela apresentação de uma solução salvadora, que permitirá à humanidade transitar da escuridão para a claridade: o poder do intelecto bem formado; os valores humanos levados em conta e devolvendo a integridade aos homens. A potência da luminosidade do intelecto transformando o caos em mundo: *fiat lux*.²⁷

O trânsito rápido das sombras para a claridade alivia a tensão na mesma proporção em que confere maior densidade à escuridão. São centenas de homens pobres e sem emprego encerrados atrás de cada muro alto das casas do trabalho, são milhares de irlandeses miseráveis e famintos manchando de negro todas as cidades inglesas, é a insanidade coletiva dos trabalhadores injustiçados, é a cegueira dos parlamentares e dos homens cultos, é, enfim, o movimento de 1789 com seus horrores e crimes, com o morticínio de mais de um milhão de pessoas, todas imagens cho-

cantes, que se sobrepõem dando conteúdo à idéia de escuridão. Ao tomar a Grande Revolução como paradigma — “a Revolução Francesa é vista, ou começa a ser vista em todos os lugares, como o fenômeno culminante de nosso Tempo Moderno” —, Carlyle acrescenta elementos à analogia sempre retomada entre a má disposição da classe trabalhadora com seu potencial destrutivo e o movimento francês iniciado em 1789.²⁸ A mesma imagem, deslocada para a condição de ato deslanchador de um processo portentoso, foi elaborada por um filósofo escocês pouco conhecido, em um relatório de 1816, ao Conselho de Agricultura de sua região: “A moralidade e os costumes das ordens inferiores da comunidade têm degenerado desde os primeiros tempos da Revolução Francesa.” Degeneração, no caso, significava a adesão dos jornaleiros do campo à doutrina da igualdade e dos direitos do homem.²⁹ Até Cobbett, combativo propagandista das idéias radicais e jornalista fundador da imprensa radical popular inglesa, partilhou da construção dessa imagem apavorante: “... uma tal multidão de terríveis barbaridades, que os olhos nunca haviam presenciado, a língua nunca expressara ou a imaginação havia concebido, até o começo da Revolução Francesa.”³⁰ O que não o impedia de reconhecer as péssimas condições de vida do homem pobre do campo sem terra: “Avançamos dia a dia para um estado no qual existirão somente duas classes de homens, os senhores e seus abjetos dependentes.”³¹

A percepção de coisas que parecem inéditas, assustadoras, poderosas em sua força, infinitas ou com seus limites velados, portentosas enfim, compõe essa nova sensibilidade no século XIX. A força de atos inaugurais, com seu caráter revelador de coisas antes submersas, e com seu poder transformador, ficou para sempre marcada na grandeza da imagem construída pelos homens que presenciaram a imposição da máquina e se chocaram com a revelação pública das necessidades e expectativas dos homens pobres.

A francesa Flora Tristan, aventureira e culta, lançou-se, como muitos de seus contemporâneos — Engels entre eles —, numa viagem pela Inglaterra, no final da década de 1830. Suas observações, feitas sob o impacto do movimento cartista, repetem as de seus conterrâneos, o historiador Michelet e o pesquisador social Buret, e as de Carlyle.³² Estavam convictos de que as máquinas e a extrema divisão do trabalho cindira a sociedade inglesa em dois grupos antagônicos numa dimensão sem precedentes, ultrapassando em muito os resultados da revolução de 1789. A mesma advertência sobre a necessidade de se prestar atenção aos sinais assustadores que apontavam em grande número sob a aparência do poderio, do fausto e da riqueza da Inglaterra. E daí a distinção feita entre o simples viajante, que se limitava a percorrer os belos

bairros londrinos e os lugares públicos frequentados pelos homens de dinheiro, e o observador, que ia além da aparência e não podia evitar a visão da "imoralidade sem limites a que conduz a sede de ouro e as misérias horríveis de um povo reduzido à fome e à cruel opressão".³³

Importa frisar que os trabalhadores assalariados também participaram da constituição desse paradigma. Num longo depoimento, um operário da indústria têxtil de Manchester expõe, em 1818, as condições de vida de patrões e operários após a introdução da máquina na fiação do algodão. A substituição das mãos habilidosas dos homens por instrumentos velozes criara desemprego e num curto lapso de tempo destruíra todo um sistema de produção baseado em pequenas oficinas montadas nas próprias moradias dos mestres-patrões. A redução do homem ao domínio mecânico também está assinalada em cores vivas, de modo a deixar claro que a ganância de lucros dos patrões proporcionada pela mecanização da indústria correspondia à degradação do trabalhador e de sua família, arrancados de casa antes do amanhecer, trancafiados por treze ou quatorze horas num ambiente asfixiante e alimentados precariamente. Ainda à máquina ele atribui o distanciamento entre o patrão e o trabalhador; distância constitutiva da diferença entre eles, que desfazendo antigos laços de trabalho, tornara-os inimigos.³⁴

Contudo, as observações do trabalhador permanecerão no âmbito da denúncia e do depoimento, num momento em que a diferença entre o viajante ou transeunte distraído e o atento observador culto vai-se tornando significativa.³⁵ Ir além das aparências implicava formação intelectual e disponibilidade; o *olhar* do observador atento é um *olhar armado* para analisar o que vê, decompor e refazer a ordenação das partes constitutivas daquilo que, para o olhar desarmado, permanece em sua unidade acabada. Avaliada a partir de planos diversos, as relações entre os homens se vê *transformada* em objeto de estudo. Já nos títulos dos trabalhos essa atitude se faz explícita: *A população trabalhadora das manufaturas inglesas* [objeto]: *suas condições morais, sociais e físicas* [os vários planos de análise] *e as mudanças ocorridas com a introdução da máquina a vapor* [causa das mudanças]. Com esse longo título, eliminados os colchetes, Peter Gaskell (1833) definia uma intenção de conhecimento orientada, não casualmente, por pesquisas anteriores, tais como a dissecação de cadáveres no Colégio Real de Londres.³⁶

Esse olhar preparado para uma análise metódica de um objeto definido é bastante diferente do olhar de Louis Sebastien Mercier que, na década de 1870, redigiu *Le Tableau de Paris*. Mercier andara infundavelmente pela cidade observando o desenho físico de

suas ruas e casas, mas também anotando a aparência e os hábitos de seus variados habitantes. Com a memória saturada dessas observações múltiplas, ele buscara refúgio em um vilarejo dos Alpes, no intuito de suspender os estímulos visuais e com isso constituir uma distância efetiva que lhe facultasse produzir um minucioso inventário de pessoas e coisas. O resultado é um quadro plano: personagens divididas em oito categorias maiores, hierarquizadas, que, por sua vez, se desdobram em várias subdivisões e que mesmo assim não dão conta de todos os tipos de pessoas. O recurso usado por Mercier para ordenar os inúmeros estímulos visuais fora construir uma distância física efetiva.³⁷ Edgar A. Poe também elabora uma distância artificial entre observador e espetáculo em *O homem das multidões*. Seu narrador é separado da cena que observa por uma janela. Essa distância contudo é radicalmente diversa, pois um observador imóvel deve dar conta de uma multiplicidade em movimento: são levas de homens que desfilam pela rua. Seu cérebro organiza imediatamente os estímulos visuais que recebe e pela aparência, ou seja, pela exterioridade das pessoas, sente-se capaz de falar sobre suas ocupações e seus anseios. Com o intuito de passar para o leitor o impacto da novidade dessa imagem portentosa das multidões das ruas londrinas na década de 1840, Poe constrói um distanciamento emocional e psicológico, recorrendo à doença que mantivera o observador recluso por um longo tempo. O literato Poe não se posiciona na condição de analista social, embora seu olhar atento encravado na figura do observador-personagem perca sua capacidade analítica quando, levado pela curiosidade emotiva, deixa seu posto de observador e se lança na rua atrás do homem das multidões.³⁸

O método de Gaskell é outro: ele parte deliberadamente de um quadro conceitual — o paradigma do ser moral, do ser social e do ser físico do homem — que lhe permite usar suas anotações e as de outros para avaliar o modo de vida de seu objeto, que por sua vez faz parte de um quadro classificatório prévio — classes trabalhadoras. Seus trabalhadores, tal como os fiadores e os patrões descritos pelo operário manchesteriano, têm profundidade, uma história tecida *antes* e *após* a presença da máquina; elas, coletivamente, se transformaram em objeto de estudo e em categoria analítica. É exatamente o predomínio dessa forma de *conhecimento* que Carlyle denuncia, chamando-o *meanicista*. Por um lado, um sujeito reduzido a mera exterioridade e amparado por um quadro conceitual de outro, o objeto, seres sem individualidade, espécimes de uma classe, reconhecíveis por suas características extrínsecas. O olhar armado implica a mediação do conceito que permite desmembrar, a exemplo da dissecação anatômica, a figura acabada. Mera ope-

ração reflexiva que começa e acaba no mesmo lugar. Dos dois lados, temos homens reduzidos a autômatos, atados — mentes, corações e mãos — à concepção mecânica do mundo. Autômatos são as personagens literárias e os trabalhadores ingleses que, esvaziados de conteúdo essencial (identidade), adquiriam a condição de massa e de classe; autômatos são também os analistas sociais que haviam perdido a posse do conhecimento introspectivo.

FIAT LUX

*"Slow the city grew
Like coral reef on which the builders die
Until it stands complete in pain and death.
Great bridges with their coronets of lamps
Light the black stream beneath; rude ocean's flock,
Ships from all climes are folded in its docks;
And every heart from its great central dome
To farthest suburb is a darkened stage
On which grief walks alone."*

(Alexander Smith — A Boy's Poem, 1857)*

*Hôpital, lupamar, purgatoire, enfer, bague
Où toute énormité fleurit comme une fleur.*

*.....
Mais comme un vieux paillard d'une vieille maîtresse,
Je voulais m'enivrer de l'énorme catin
Dont le charme infernal me rajeunit sans cesse.*

*.....
Je t'aime, ô capitale infâme! Courtisanes
Et bandits, tels souvent vous offrez de plaisirs
Que ne comprennent les vulgaires profanes.*

(Baudelaire — Le Spleen de Paris)**

* Vagarosamente a cidade cresceu
Como uma formação de coral, onde os construtores morrem
Até que se complete em agonia e em morte.
Grandes pontes com seus diademas de lâmpadas
Iluminam as escuras correntes abaixo; rebanho do rude oceano,
Navios de todos os climas estão fundeados em suas docas;
E cada coração, desde seu grande domo central
Até o mais longínquo subúrbio é um palco apagado
Onde cada tristeza caminha sozinha.

(Alexander Smith)

** Hospital, lupanar, purgatório, inferno, prisão
Onde toda monstruosidade desabrocha como uma flor.

.....
Mas como um velho libertino de uma velha prostituta,

"A suction so powerful, felt along radii so vast, and a consciousness, at the same time, that upon other radii still more vast, both by land and by sea, the same suction is operating, night and day, summer and winter, and hurrying forever into one centre the infinite means needed for her infinite purposes, and the endless tributes to the skill or to the luxury of her endless population, crowds the imagination with a pomp to which there is nothing corresponding upon this planet, either amongst the things that have been or the things that are."

(De Quincey — The Nation of London, 1831)*

"The city delights the understanding. It is made up of finites; short, sharp, mathematical lines, all calculable. It is full of varieties, of successions, of contrivances. (...) It is the School of the Reason."

(Emerson — The Journals and Miscellaneous Notebooks)**

Nas percepções da cidade do século XIX, a alegoria do monstro conjuga à imagem do mecanismo a imagem orgânica de uma criatura monstruosa. A cidade, negação da natureza, artificial, agressiva a tudo o que fosse natural, figura a dimensão mais ampla do maquinismo. A representação do processo de produção materializado na fábrica — o moinho satânico devorador de homens — desdobra-se até atingir a dimensão imaginária da cidade. Nos textos poéticos, literários e de pesquisa social, o grande mercado permanente instalado nas ruas e nas docas de Londres — os símbolos brasonados dos comerciantes expostos nas fachadas das casas de

Eu desejaria me embriagar nesse enorme meretrício
Cujo encanto infernal me rejuvenesce incessantemente.

.....
Eu te amo, Ó capital infame! Cortesãs
E bandidos, eles freqüentemente te oferecem prazeres
Que os profanos vulgares não podem compreender.

(Baudelaire)

* Uma sucção tão poderosa, sentida através de um raio tão vasto e, simultaneamente, uma consciência de que em outros raios ainda maiores, tanto por terra como por mar, a mesma sucção está acontecendo, noite e dia, verão e inverno, e precipitando sempre para um único centro os infinitos meios necessários para seus propósitos infinitos, e os inesgotáveis tributos para a habilitação ou para o luxo de sua população infindável abarrotam a imaginação com uma pompa sem similar correspondente neste planeta, mesmo entre as coisas que já existiram ou que ainda existem.

(De Quincey)

** A cidade seduz a compreensão. Ela é feita de finitudes, linhas curtas, agudas, matemáticas, todas calculáveis. É repleta de variedades, de sucessões, de dispositivos. (...) É a Escola da Razão.

(Emerson)

comércio, única identidade num espaço de anonimato e de contínua movimentação — cinde-se e em suas brechas aparece a presença marcante da produção. Sobre a imagem da capital política, comercial e financeira do país e do mundo, acrescentam-se imagens das cidades industriais do norte da Inglaterra; sobre a imagem de Paris, sobrepõe-se a da cidade de Lyon.

Imagens contraditórias vão entretecendo uma concepção de cidade: o crescimento lento, similar ao de uma formação de coral, contrapõe-se à imagem do crescimento rápido, violento e desmesurado, que desfigura esteticamente o traçado urbano e seus habitantes; a finitude de linhas geométricas e as concentrações humanas mecanicamente disciplinadas quando, no trabalho, contrapõem-se às multidões despidas das características de humanidade, disformes e moldadas pelas dimensões das ruas por onde se arrastam. Em todas essas imagens o recurso às metáforas é uma constante. As ondas, às torrentes e às lavas vulcânicas, manifestações incontroláveis e pouco previsíveis do mundo físico, acrescentam-se também o curso ordenado dos rios; o molusco, a criatura monstruosa, e também o coração, o cérebro e a circulação sanguínea. Todas confluem numa representação da cidade onde os princípios da mecânica universal, o lento processo imutável da natureza e as figuras orgânicas de corpos e de criaturas monstruosas, embora produzidas pelo homem, se confundem.

É difícil delinear uma nítida divisão entre representações mecânicas e orgânicas de maneira a estabelecer duas linhagens de sensibilidade. Até onde se pode afirmar, por exemplo, a independência da concepção mecânica da dupla circulação sanguínea, do corpo orgânico que a contém? A própria concepção de cidade, desde sempre relacionada a um espaço fechado, persiste nos registros atônitos da expansão inédita e imprevisível dos núcleos urbanos. As muralhas medievais são destruídas, o traçado das ruas refeito, suas sinuosidades vencidas pelas linhas retas e a grande dimensão das avenidas. O caráter defensivo da cidade desloca-se dos muros para a vigilância policial constante e substitui o estrangeiro por um inimigo potencial presente no dia-a-dia da cidade.

Existe uma nítida vinculação entre a representação da cidade envolta pelos muros e a formulação da idéia de um meio ambiente urbano degenerador das forças físicas e morais dos homens; como também é nítida a solidariedade entre essa idéia e a figuração de multidões de pobres afluindo para os centros urbanos e se amontoando em casas, pardieiros, becos e ruas.³⁹ Uma cidade, para a qual as classes governantes haviam buscado o controle do seu crescimento desde os finais do século XVI, movidas pelo receio de distúrbios provocados por homens arrancados da terra pelos cercamentos das

propriedades, a presença de milhares de pobres fazia-se assustadora devido àquilo que se considerou um *crescimento doentio*.⁴⁰

Raymond Williams afirma que, mesmo no século XVIII, as imagens de Londres (e da cidade em geral) são contraditórias. Reconhecidamente a maior cidade do *mundo civilizado* inspirou a Voltaire uma comparação com Atenas, onde progresso e cultura significavam escola de civilização e liberdade. Adam Smith considerou a cidade como um lugar seguro para a indústria oriunda do campo, dado ser um centro de liberdade e ordem em estreita dependência com um centro mercantil. Blake, londrino e comerciante, concebeu a cidade numa linguagem de comércio, mas também como um estado mental sistemático. Por outro lado, Tucker antecipou para Londres, em 1783, a imagem do *grande tumor*, que seria retomada por Cobbett no século XIX: “Londres, a metrópole da Grã-Bretanha é há muito tempo lamentada como uma espécie de monstro, com uma cabeça imensa, em total desproporção com seu corpo”. O mesmo ocorria na literatura: autores como Pope e Swift otimisticamente transferiam para a cidade os valores convencionais de uma sociedade aristocrática rural, e onde outros, tais como Hogarth e Defoe, visualizavam a negação de uma ordem civilizada nas figuras da multidão insolente e dos trabalhadores debochados.⁴¹

Essas representações contraditórias da cidade não podem ser desvinculadas do debate político inglês frente ao movimento revolucionário na França e da apreensão causada pelo encontro de uma tradição política radical inglesa com o jacobinismo francês. No debate digladiam-se duas concepções de sociedade civil e de Estado, cujos argumentos se apoiavam em duas interpretações conflitantes do contrato constitutivo da própria sociedade. Burke, nas décadas finais do século XVIII, tumultuadas pelo movimento revolucionário da França, assume uma posição crítica aos princípios liberais vigentes e que, na verdade, iriam prevalecer no século seguinte. Partia do pressuposto de que esse contrato não podia ser entendido como um mero contrato comercial unindo interesses ocasionais. Numa linguagem em que os termos comerciais estão deliberadamente presentes, afirma que o contrato constitutivo da sociedade “deve ser fechado com uma outra reverência, porque não se trata de uma sociedade comercial envolvendo coisas que servem somente à existência animal de caráter temporário e perecível. Trata-se de uma associação de toda a ciência; uma associação de toda a arte; uma associação de cada virtude e de toda a perfeição. Como as finalidades de tal associação só podem ser obtidas em muitas gerações, torna-se uma associação não só entre os que estão vivos, mas entre os vivos, entre os mortos e entre os que vão nascer”.⁴²

Sua crítica à proposição smithiana de uma possível harmonia universal, se deixadas as necessidades e desejos humanos livres de qualquer injunção legal, é nítida, pois considera muito exíguo o *estoque de razão* de cada indivíduo. E mais, numa linhagem de pensamento que remonta a Hobbes, Burke define a preeminência do *governo* sobre os homens, aos quais deve sujeitar em suas paixões, para atender as necessidades humanas; um governo externo à *sociedade civil*, um *poder externo* aos homens e não o mero exercício de uma função sujeita aos mesmos desejos e paixões, que é de sua obrigação frear e subjugar.⁴³ Reconhecendo a natureza inteiramente artificial da idéia de povo como corporação, uma ficção legal entre outras, distingue-a pelo seu caráter de acordo coletivo, a partir do qual, a sociedade, a existência propriamente humana, foi forjada.⁴⁴ A idéia de *nação* como constituição feita por circunstâncias, momentos, índoles e disposições peculiares e hábitos morais, civis e sociais do povo, não nos permite indicá-lo como o pai da concepção orgânica da sociedade do século XIX, mesmo entre aspas, como faz Raymond Williams; o caráter totalmente artificial da sociedade que concebe nos impede de enraizá-la na *natureza física*; ela permanece vinculada a uma convenção baseada na *natureza humana* voltada, diferentemente de qualquer outro ser biológico, para a busca da perfeição. Só no século XIX, a resistência dos trabalhadores ao domínio do tempo e do ritmo do trabalho fabril dará ensejo a discussões que reduzem os homens, em especial o homem pobre, à condição biológica, igualando-o à espécie animal como um todo. Foi Towshend que, lançando mão da fábula dos cães e das cabras deixados numa ilha à livre injunção de suas necessidades primárias, demonstrou a inutilidade dos dispositivos legais, na medida em que o próprio agulhão da fome consistia no estímulo mais eficiente e silencioso para assegurar a permanência do homem no trabalho em ritmo disciplinado.⁴⁵

Quatro décadas depois, Carlyle retoma uma posição política muito próxima à de Burke, em suas críticas a Jeremy Bentham e a John Stuart Mill. Considera-os descendentes diretos de Locke e de sua concepção mecanicista da sociedade, e lhes atribui uma parcela substancial de responsabilidade pela infiltração dos princípios da mecânica até no mais recôndito do ser humano. "Para os olhos de um Smith, um Hume ou um Benjamin Constant tudo está bem quando funciona silenciosamente". A referência ao silêncio tinha explícita conotação política de crítica aos que como Towshend acreditavam nos imperativos da existência material como elementos suficientes da vida humana. Para Carlyle, os valores morais, as *idéias* dos homens em busca da perfeição constituíam a *alma política do corpo político* e não podiam ser desconsideradas sob pena de re-

nascem em movimentos conflitivos e ameaçadores da sociedade.⁴⁶ As mesmas críticas encontram em Charles Dickens uma forma literária de amarga ironia. O Sr. Gradgrind em seu observatório reduz todos os dados sensíveis e fatos bem documentados a cifras; sua crença na verdade indiscutível dos números leva-o a considerar a estatística a melhor forma de conhecimento. Dos tempos difíceis, em Coketown, ninguém escapa; lá a vida significa uma perpétua movimentação que, à semelhança de um mecanismo, deve ter engrenagens perfeitas, rejeitando as defeituosas e as gastas. Carlyle, um político, possui uma fé inquebrantável no poder do intelecto bem formado e no seu poder de liderança (luz) esclarecedora para os *mais humildes*. Partilhava com seu opositor, John Stuart Mill, da opinião que de resto coincidia com a da maioria dos vitorianos cultos, sobre a incompleta moralidade e racionalidade do trabalhador, discordando dele, entretanto, quanto a ser a democracia ou o sufrágio universal masculino uma forma institucional plausível para evitar um confronto violento entre assalariados e patrões. Negando ao homem pobre a capacidade de orientação própria, Carlyle afirmava que as comoções populares eram insanas e significavam "urros, gritos indistintos de uma criatura emudecida pelo ódio e pela dor". Os gritos da multidão podiam ser traduzidos em preces, em pedidos não formulados de socorro: "Guiem-me, governem-me! Eu sou louca e miserável e não posso guiar a mim mesma!" Daí sua conclusão de que "de todos os direitos do homem, o direito do ignorante ser guiado pelo mais sábio, de ser pelo bem ou pela força mantido no caminho verdadeiro, representa o direito mais nobre". E mais, estava inscrito na própria natureza da sociedade essa luta pela perfeição, o que conferia o verdadeiro significado à palavra liberdade.⁴⁷ Daí ter visto na Nova Lei dos Pobres, de 1836, a vitória do *self-help* (do salve-se quem puder), e da repressão pura ao homem pobre desempregado e ao miserável, e no desinteresse da burguesia inglesa pela condição operária no país, um desvio do olhar para não enxergar a criatura monstruosa que ela própria fabricara. A burguesia optara por uma outra solução para a reconhecida gravidade do problema da pobreza indigente: pagar para que outros cuidassem dos trânsfugas sociais, e os mantivessem afastados dos seus negócios e dos seus lares. Essa sua convicção só será abalada quando, nas décadas finais do século, ficar estabelecida uma vinculação direta entre a produção da riqueza numa sociedade industrializada e a presença de um resíduo humano, subproduto também ele das condições de trabalho nas fábricas. E será Londres, ainda uma vez, que apresentará a figura mais acabada do homem degradado moralmente e degenerado biologicamente, sem lugar no mundo

burguês. A pobreza atingia, enfim, para a sensibilidade do século XIX, sua dimensão econômica.⁴⁸

A perplexidade perante as grandes concentrações humanas, num momento em que a população urbana da Inglaterra tendia a ultrapassar rapidamente a rural, e o operariado fabril se organizava em movimentos de confronto aberto com as classes dominantes, fez com que os centros urbanos se tornassem pontos de referência para a representação da sociedade. A cidade iria configurar a imagem reduzida do problemático macrocosmo social; presença assustadora e ao mesmo tempo fascinante por sua variedade e por tornar acessível um recorte em algo inabarcável. O medo e o fascínio orientam uma atitude exploratória que fará da cidade um observatório extenso, mas com limites delineados. A atividade exploratória se concentra, com certeza, no levantamento do modo de vida dos homens pobres trabalhadores ou vagabundos, considerados equivalentes aos povos selvagens, e seus bairros definidos como terra incógnita. Os observadores — políticos, médicos, reformadores sociais, sociedades estatísticas — assumem a postura de exploradores de culturas estrangeiras em busca de uma resposta para a questão formulada por Carlyle: “Qual a condição atual da sociedade?”⁴⁹

Buscou-se desfazer a opacidade e as sombras que a organização burguesa da sociedade havia lançado sobre o homem pobre. O conhecimento do trabalhador, retomado por intermédio dos pesquisadores sociais, comporá no decorrer do século passado e nas primeiras décadas deste uma extensa e variada coleção de relatos, romances e relatórios, uma verdadeira “cultura da pobreza”. A preocupação com o público leitor é uma constante nessa literatura que no final do século ganha um tom sensacionalista. George R. Sims, escritor e político de tendência radical, descreve os problemas inerentes à atividade exploratória:

“A dificuldade em conferir um tom pitoresco para esse capítulo (que significativamente tem o nome de Abrindo as comportas do conhecimento), o que é tão essencial para o sucesso de qualquer escrito entre a maioria dos leitores ingleses, torna-se cada vez mais aparente na medida em que meu grupo de viagem explora região após região nas quais os pobres se escondem para viver o melhor que podem.”⁵⁰

Sims discorre sobre as cenas terríficas presenciadas: ratos, patifarias, as mesmas tristes figuras e faces, oito ou nove pessoas vivendo num único cômodo, alugueis escorchantes absorvendo três quartos da renda semanal do trabalhador, a negligência vergonhosa do proprietário em relação à higiene, assoalhos, tetos, paredes e escadas em ruínas, convivem em perigosa vizinhança com os cidadãos honestos. Enfatiza que essa proximidade se reduz à distância

de um arremesso de pedra.⁵¹ Idêntica preocupação com a proximidade perigosa dos bairros pobres está presente nos relatos de pesquisa dos observadores franceses, alarmados com os miseráveis que em grande número circundam, com seus pardieiros, os grandes palácios e casas comerciais. O público feminino é prevenido sobre o perigo de contratar os serviços de uma ama de leite desconhecida, portadora certa das doenças que a miséria carrega. O crime e a subversão política são, entretanto, os temas mais desenvolvidos pelos pesquisadores. Configuram as expressões perigosas das duas extremidades da pobreza: num pólo, o *embrutecimento da sensibilidade física e moral* conduzia à violência criminoso; no outro, a instrução levava os homens à *busca das causas da sua condição miserável* e aproximava-os dos *teóricos* que apontavam as instituições políticas como a origem dos sofrimentos do povo.⁵²

Existe um grande número de pesquisas sobre tais assuntos. Na França, da década de 1820, a Academia propôs para concurso por duas vezes o tema da *pobreza e de suas relações com a economia social*. Morogues, impressionado com o crescimento demográfico de Paris, recomenda em seu livro — *Du pauperisme, de la mendicité et des moyens d'en prevenir les funestes effets* (1834) — que se retirassem os pobres das cidades, onde “se educam na ociosidade, pervertidos no deboche quando empregados e corrompidos pela mendicidade e pela rapina quando desempregados”. Em 1839, aparece o livro de Gerando — *La misère des classes laborieuses en France et en Angleterre* e o de Fregier — *Des classes dangereuses de la population*.⁵³ Nesses estudos, a miséria urbana vai perdendo a dimensão ética vinculada à imagem de homens incompletamente moralizados e assume uma dimensão econômica. A degradação física e moral da miséria é definida como subproduto da produção de riqueza nos centros industriais mais ativos da França e da Inglaterra. O alto custo da pobreza inglesa, pago em impostos pela burguesia, é um argumento usado sempre para alertar sobre as funestas consequências do trabalho fabril não regulado e do mercado livre de trabalho. Para os dois casos a solução sempre aponta para a intervenção disciplinadora do governo. O paradigma inglês estará sempre presente como projeção futura de todo o mundo civilizado.

Essa representação paradigmática leva Flora Tristan a atravessar o canal da Mancha para conhecer Londres, visitar seus bairros ricos e com especial atenção os bairros pobres, entrando nas casas e conversando com seus moradores. As longas incursões de Engels, na mesma época, pelas principais cidades inglesas revelam uma intensa preocupação social na anotação minuciosa do contraste entre riqueza e pobreza, da relação de reciprocidade entre a ostentação

do rico e a degradação do trabalhador, no lugar mesmo onde elas atingiam a forma mais radical.⁵⁴

A expectativa de um *conhecimento verdadeiro* leva os observadores a se lançarem à pesquisa *in loco* dos bairros pobres e muitas vezes a distância analítica faz-se absurdamente presente em homens que, entre outras coisas, se disfarçam de desempregados sem eira nem beira, buscando refúgio nas casas do trabalho nas noites de frio. O disfarce objetivava não levantar suspeitas e quebrar o silêncio imposto pela polícia e pelos propagandistas da temperança junto aos pobres recolhidos nessas casas. James Greenwood, um jornalista londrino, viveu essa experiência, em 1866, passando uma noite na *Lambeth workhouse*, movido, segundo ele, pelo desejo de conhecer e tornar conhecida a verdade de ser um *casual* (homem pobre sem trabalho), “de saber como eram alojados e alimentados, qual a aparência deles, as regras a que eram submetidos, enfim, como passavam as noites esses proscritos (*outcasts*) que se amontoavam nas portas das casas do trabalho nas noites frias e chuvosas”.⁵⁵ Na década de 1880, sob inspiração de escritores como Ruskin, Arnold Toynbee e Samuel Barnett, homens e mulheres bem-nascidos se submeteram à experiência de viver em bairros operários na condição de educadores e de assistentes, mas também de pesquisadores. Beatrice Webb registrou sua estada em *My Apprenticeship* e Masterman, em *From the Abyss*, pretendeu falar como um dos habitantes desses bairros.⁵⁶

A dedicação metódica de Henry Mayhew, atravessando Londres durante anos, para realizar um *levantamento completo* daqueles que obtêm seus meios de subsistência nas ruas, encontra equivalente no seu conterrâneo Chadwick e no médico francês Parent Duchâtelet. Chadwick foi o responsável pela equipe encarregada pelo Parlamento inglês de investigar as causas da epidemia de cólera da década de 1830 e de organizar as informações para a reforma da Lei dos Pobres; Parent Duchâtelet dedicou sua vida profissional à busca dos focos de contágio de moléstias epidêmicas em Paris. Os esgotos e as prostitutas, considerados por ele receptores dos dejetos humanos, foram objetos de intensa pesquisa com resultados expressos no mapeamento dos desaguedouros subterrâneos da cidade e na regulamentação da prostituição controlada pela polícia.⁵⁷ Mayhew levantou material abundante, publicando-o primeiro num periódico londrino e depois editado em quatro volumes sob o título de *London Labour and the London Poor*. Sua condição de eterno curioso, boêmio e vagabundo grã-fino e mesmo simpático em relação aos homens da rua não o impedia de assumir uma postura analítica que o levou a classificá-los na “grande tribo dos nômades que subsistem até nas sociedades mais civilizadas”. Nem levantou seus preconcei-

tos em relação ao caráter selvagem desses nômades, de “músculos fortes nutridos às expensas da mente”, “de queixos proeminentes e maçãs do rosto altas”, ambos indicativos do maior desenvolvimento da parcela animal dessas pessoas em detrimento de sua natureza intelectual e moral. As observações de Mayhew sobre a necessidade de diversões fortes para os *homens não cultivados*, cuja frequência diária aos bares e locais de divertimentos rudes corroborava, era partilhada pela maioria dos *homens cultivados* vitorianos que viam na erradicação dos hábitos degradantes do homem pobre, a maneira mais segura de domesticá-los.⁵⁸ Uma certeza perpassa, contudo, os resultados dessas investigações: a impossibilidade de conhecimento total e/ou verdadeiro desse *outro social paradigmático*, separado e contraposto ao civilizado por uma *outra cultura*.

A burguesia desfrutava a *sublime experiência estética* da grandiosidade da pobreza, sua infinitude, sua opacidade, seu caráter terrífico e poderoso através da vasta literatura que estava sendo consumida. A distância física e social entre patrões e operários aumentara de tal maneira que permitia uma representação da sociedade dividida em *duas nações*, hostis entre si. Se, no século XVIII, a insolência da multidão constrangia, era entretanto atenuada pelo seu caráter excepcional e pela convivência próxima, que tornava a diferença de ofício mais importante do que a distância entre mestre e jornaleiro. Todos moravam próximo do trabalho, exceto os comerciantes mais ricos e a aristocracia fundiária que só se instalava na cidade durante os meses da temporada social. O *pub* constituía centro econômico, social e político para empregadores e empregados. Não resta dúvida de que a polarização das posições políticas no decorrer da Revolução Francesa significou o início de um movimento de separação efetiva tanto no seu país de origem como na Inglaterra.⁵⁹

Em 1842, uma comissão do bairro comercial parisiense (Halles) denuncia em relatório o êxodo das casas comerciais e moradias burguesas frente a avalanche de pobres para esses bairros. Segundo eles, a sujeira e as sombras substituíam o brilho das grandes casas.⁶⁰ Somente as reformas projetadas e executadas por Haussmann, no Segundo Império, conduziram a expulsão da pobreza, devolvendo à burguesia um espaço atravessado por largas avenidas bem traçadas, bem pavimentadas e arejadas. Em Londres, a separação física entre burgueses e trabalhadores acentua-se na década de 1840. Se a aliança do radicalismo burguês com a democracia artesã já estremeceu após 1815, a expansão do sindicalismo operário e as idéias radicais dos economistas políticos tornaram esses dois grupos irreconciliáveis. A Reforma Eleitoral de 1832 e a Nova Lei dos Pobres de 1836 completaram a diferenciação: para a burguesia as franquias políticas, para o operariado a casa do trabalho. Os empre-

sários e comerciantes abandonam a City e os bairros industriais e criam nos subúrbios um arremedo do *pitoresco rural*, um lugar onde se constitui a intimidade a partir do seguro refúgio do lar, impermeável aos problemas sociais. Esses ambientes austeros, repletos de objetos sólidos e duráveis, reproduziam no plano interno a mesma sensibilidade estética dos espaços e edifícios públicos. A burguesia inglesa permanece reclusa em seus estojos, mesmo em tempos de distúrbios políticos, assustada perante a presença violenta de pessoas que só conhecia através de relatórios parlamentares, dos panfletos e romances, da imprensa periódica e dos relatos dos exploradores sociais. Daí a importância que os intermediários assumem para a intenção burguesa de *domesticar* o homem pobre. Se a polícia criada no final da década de 1820 e as casas do trabalho reformadas, ambas produto das diretrizes da Nova Lei dos Pobres, se mostravam insuficientes, a força do dinheiro deveria criar organizações missionárias destinadas a erradicar do pobre suas *idéias erradas*, seus *costumes imorais* e sua *má disposição* em relação à sociedade civilizada.⁶¹

Não por acaso, missionários religiosos e leigos são incumbidos de completar a missão civilizadora da fábrica, da polícia e da casa do trabalho. Os trabalhadores ingleses, desde o final do século XVIII, sensíveis às idéias de Paine e do jacobinismo revolucionário francês, mantiveram-se ateus, republicanos e democráticos, num momento em que os proprietários tornavam-se mais evangélicos e os pequenos comerciantes abandonavam a radical *London Corresponding Society* pelas idéias benthamitas de governo barato, pelas franquias eleitorais e pelos princípios da economia política. A proposta *civilizadora* da burguesia visava desfazer as *trevas* reinantes no Leste e no Sul de Londres por meio de um programa de cristianização e moralização do pobre, obrigando-o, quando desempregado, a recorrer à *Charity Organization Society*, responsável pela triagem que o indicava como merecedor do auxílio público ou não.⁶²

Mirando-se no exemplo da Paris do Segundo Império, também os administradores ingleses unidos às empresas de construção passam a considerar a moradia popular como ponto central de estratégias domesticadoras do homem pobre. A *teoria do meio ambiente urbano* perde a exclusiva conotação patológica que lhe fora atribuída desde os finais do século anterior, ganhando os contornos de condições manipuláveis e com força suficiente para formar o homem disciplinado e moralizado. Os resultados das pesquisas efetuadas pelas comissões parlamentares chefiadas por Chadwick, nas décadas de 1830 e 1840, haviam demonstrado em termos contábeis o alto custo econômico e social das más condições de vida do homem pobre. Como seu contemporâneo, o médico Parent Duchâtelet esta-

do convencido de que o problema da cidade era antes de tudo uma questão técnica a ser equacionada e resolvida pela engenharia; e ainda, um problema a ser superado pela instalação de equipamentos coletivos. O ilustrado Chadwick, convicto seguidor das idéias utilitaristas de Bentham, caricaturizado com mordacidade por Dickens em *Tempos Difíceis*, une sua crença nos princípios da lógica mecânica e o poder transformador da técnica à teoria (orgânica) do meio ambiente, numa aposta ampla de reforma dos sistemas de distribuição de água e coleta de esgotos na cidade de Londres.⁶³ A cidade adquire a dimensão de um amplo *laboratório*, mas o alcance político de seu projeto, transferindo parcela significativa da responsabilidade pelas condições de saúde urbana para os poderes públicos, implicará a rejeição desse projeto pela burguesia inglesa que, ao contrário da francesa, sustentou até a década de 1880 os princípios individualistas do *laissez-faire* e do *self-help*.

É bem verdade que a experiência revolucionária francesa obrigara a burguesia a uma convivência próxima com a dimensão política dos problemas sociais; se o inglês dos inícios da época vitoriana pretendia solucionar financeiramente o problema da pobreza por meio de impostos para a montagem das casas do trabalho e para o assalariamento da polícia, o francês rico e/ou culto havia se convencido (e os movimentos de 1830, 1832 e 1848 contribuíram para isso) de que os pobres não hesitavam em estender a violência do seu cotidiano para as sublevações de rua. É exatamente sobre essa faceta violenta da condição operária que se exercerá a vigilância burguesa. Os bairros operários são demolidos e refeitos modeladamente, os *palácios do gin* desaparecem, as execuções públicas são suspensas em 1868, as feiras e os rituais de bebidas e lutas entre os membros de ofícios diferentes abandonam os centros urbanos. Assim como em Paris são reprimidas as violentas lutas *compagnonniques* (de associações de ofício) e o hábito de ir beber aos domingos nas barreiras para fugir ao imposto sobre o vinho na cidade, também o lazer operário londrino dos *pubs* e das festas populares nas ruas e parques sofre severo constrangimento.⁶⁴

A reclusão do homem pobre e a eliminação da excepcionalidade, até nos feriados e festas públicas, revelaram-se estratégias poderosas para a intenção de moldar o cotidiano disciplinado e despolitizado do trabalhador. Em casa ou nos clubes (é visível a insistência por ambientes fechados), os hábitos de poupança, temperança, religiosidade e a prática de esportes que, como o futebol, foram submetidos a regras, eram energeticamente divulgadas entre os trabalhadores. A destruição de uma cultura popular não resultou na formação de uma classe trabalhadora imbuída dos valores de vida burgueses, porém definiu para a burguesia uma forma de co-

nhecimento e de atuação indireta para a domesticação do monstro urbano. Os *music-halls* perpetuaram uma tradição popular de deboche e de sensualidade, porém a tradição política radical artesã neles não tinha mais lugar.⁶⁵ No parlamento, as propostas de colonização da pobreza indigente em campos de recuperação localizados na Inglaterra ou nas colônias de seu extenso Império, demonstrava que Coketown assumia o tamanho do país. Colonizar o resíduo humano da sociedade industrial significava reconhecer a necessidade de países não industrializados, capazes de recolher essa escória da produção e repor o equilíbrio de um sistema que agora atingia a dimensão planetária.⁶⁶ A importância dessa nova sensibilidade culta do século XIX, expressa na extensa produção intelectual — literária e científica —, radica no seu poder de instituir uma nova temporalidade, na sua força transformadora do terrífico em mito, do imponderável em mensurável, do obscuro em identificável. A força transformadora explícita nas estratégias propostas fez com que a estética do *sublime* se deslocasse para o espetáculo das multidões organizadas nos estádios e nas paradas militares...

NOTAS

1 — Carlyle, Thomas, "Signs of the Times", in *Selected Writings* Harmondsworth, Penguin, 1980, pp. 64-66.

2 — Sobre as modificações na percepção do tempo consultar E. P. Thompson, "Tiempo, Disciplina de Trabajo y Capitalismo Industrial" in *Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase*. Barcelona, Crítica, 1979 e Jacques Le Goff, "Le temps du travail dans la 'crise' du XIV.^e siècle: du temps médiéval au temps moderne" e "Au moyen Age: Temps de l'Église et temps du marchand" in *Pour un autre Moyen Age*, Paris, Gallimard, 1977.

3 — Sobre os vários pressupostos para que o capital encontre o trabalho livre no mercado, ver Karl Marx. *Formaciones Economicas Precapitalistas*, Córdoba, Cuadernos Pasado y Presente n. 20, 1974.

4 — Para a dissolução de antigas formas de produção, ver K. Marx, op. cit. e *O Capital*, caps. XIII "A cooperação", XIV "A divisão do trabalho e a manufatura" e XV "O maquinismo e a grande indústria"; também E. P. Thompson, *La Formación Histórica de la Clase Obrera*, Barcelona, Laia, 1977, vol. 2, cap. 8; sobre a tendência das relações humanas livres de injunções atingirem a harmonia, ver A. Smith, *A riqueza das nações*, São Paulo, Abril Cultural, 1983, Coleção Os Economistas.

5 — Cf. Thompson, "Tiempo, Disciplina de Trabajo y Capitalismo", op. cit. ps. 239-293.

6 — Cf. Robert Storch, "The plague of the Blue Locusts", *International Review of Social History*, vol. XX, 1975, Van Gorcum, p. 61.

7 — Carlyle, op. cit., pp. 61-65.

8 — Taylor, Nicolas, "The Awful Sublimity of the Victorian City" in *The Victorian City. Images and Realities*, London and Boston, Routledge and Kegan Paul, vol. 2, pp. 431-447.

9 — Ibid., pp. 435-436.

10 — *A Era do Capital*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, caps. 13, 14 e 15.

11 — In Asa Briggs, *Victorian People*, Harmondsworth Penguin, 1980, p. 45.

12 — Benjamin, Walter — "Paris, Capitale du XIX.^e siècle" in *Oeuvres II, Poésie et Révolution*, Paris, Denoël, 1971, pp. 123-125.

13 — Taylor, N., op. cit., comentários às fotos.

14 — Benjamin, Walter, op. cit., p. 124.

15 — Para essa Autora, a intenção de perenidade foi primeiro concretizada pelos gregos em instituições capazes de assegurar a específica qualidade humana de realizar sua segunda natureza. Para tanto, o homem deveria transpor o domínio do privado, vale dizer, das atividades vinculadas à mera reprodução biológica e aparecer em outra dimensão, o espaço público. Para preservar esse espaço onde o homem, indiscernível dos outros de sua espécie enquanto ser biológico, surgia em sua singularidade, os gregos consideraram imprescindível elaborar e manter o lugar onde a palavra e a ação tinham efetividade. As instituições da polis, no mundo antigo, obedeceram a esse desígnio. In *A Condição Humana*, Rio de Janeiro, Forense/Universitária, 1981, cap. 2: "As esferas pública e privada".

16 — Schorske, Carl E., *Fin-de-siècle Vienna*, New York, Random House, 1981, cap. II: "The Ringstrasse, its critics, and the Birth of Urban Modernism", pp. 24-33; cf. também Hobsbawm, op. cit., pp. 251-252.

17 — Citado por F. Beguin; "Les machineries anglaises du confort" in *Recherches* n.º 29, Fontenay-sous-Bois, 1978, p. 160.

18 — "Lettres d'un habitant de Genève à ses contemporaines", 1803, in Gian Mario Bravo, *Les socialistes avant Marx*, Paris, Maspero, vol. 1, p. 84 e segs.

19 — Bénichou, Paul, *Les Temps des Prophètes*, Paris, Gallimard, ps. 248 e segs. para o pensamento conservador do século XIX, ver Romano, Roberto — *O Conservadorismo Romântico*, Brasiliense, 1981.

20 — Saint Simon, op. cit., pp. 86-87.

21 — Benjamin, Walter, op. cit., pp. 126-127.

22 — Carlyle, Thomas, op. cit., p. 72.

23 — Ibid., pp. 77-78.

24 — Ibid., pp. 70-71 e "Chartism". *Selected Writings*, op. cit., pp. 169-170.

25 — Ibid., pp. 64-65.

26 — Carlyle, Thomas, "Chartism", op. cit., pp. 153-154.

27 — Ibid., p. 223.

28 — Ibid., pp. 181-182.

29 — Citado por Thompson, *La formación histórica de la clase obrera*, p. 58.

30 — "The Bloody Bouy" (1796) in Raymond Williams, *Culture and Society*, New York, Harp & Row, 1966, p. 13.

31 — *Political Register*, 28-2-1807, in Raymond Williams, op. cit., p. 14.

32 — *Promenades dans Londres ou L'aristocratie et les prolétaires anglais*, Paris, Maspero, 1978, cap. 7.

33 — Ibid., p. 57.

34 — Thompson, *La formación histórica de la clase obrera*, op. cit., pp. 23 e segs.

35 — Henry Meyhew desenvolve na década de 1850 um longo e minucioso trabalho sobre a população pobre de Londres, recolhendo milhares de depoimentos que depois transcreveu mantendo a forma popular de expressão. Seu intuito era fazer uma enciclopédia onde pela primeira vez o povo aparecia com sua própria voz. *London Labour and the London Poor*, New York, Dover Publications, 1968, 4 vols.